

IMPRESSO

CPMTRATP Nº 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

L . E . T . U . R . A . S

Câmara Legislativa do Distrito Federal
Ano II - Nº 15

Suplemento Cultural
Maio/junho/1995

*Yes,
nos temos
cinema*

✓ 100 anos

Zuléka, a formiga sapeca



**Odilon
Aires
PMDB**



O Pólo de Cinema do Distrito Federal foi uma idéia auspiciosa. Mas, nesse velho Brasil, tudo termina rápido, não passa de uma efeméride. Vimos com uma ponta de satisfação o nascimento desse centro produtor, que consagraria a velha e badalada frase de Glauber Rocha: "uma câmera na mão e uma idéia na cabeça". Com a mudança de governo tudo ficou incerto. Não sabemos como será a continuidade desse projeto. Seria bom que a classe se levantasse e cobrasse uma definição para o centro, especialmente os moradores de Sobradinho, onde o mesmo foi implantado.

**Renato
Rainha
PL**



Brasília é notadamente um dos locais do País onde a cultura, a cada dia que passa, revela talentos nos seus mais diversos segmentos. Isso, contrariando todas as expectativas, pois não existe nenhum tipo de incentivo aos que desenvolvem atividades culturais. Acredito ser necessária uma atuação firme por parte do Governo no sentido de criar estímulos aos diversos projetos culturais que se fazem presentes no Distrito Federal.

Poetas e Poesias de Brasília

(Prefácio a antologia em preparo, em que se reúnem mais de 50 poetas, entre os quais Afonso Félix de Sousa, Aglaia Souza Anderson Braga Horta, Antonio Carlos Osório, Astrid Cabral, Cassiano Nunes, Fernando Mendes Vianna, João Carlos Taveira, José Geraldo,

José Godoy Garcia, José Santiago Naud, Lina del Peloso, Maria de Lourdes Teodoro, Oswaldino Marques, Rumen Stoyanov, Wilson Pereira e outros, entre os quais alguns dos nomes mais representativos das novas gerações)

Joanyr de Oliveira



**“ Vou-me embora para Brasília,
sol nascido em chão agreste.
Como quem vai para uma ilha.
A esperança mora a Oeste. ”**

Cassiano Ricardo

Desde os primórdios de Brasília, quando o livreiro Francisco Scartezini Filho confiou-me a organização de uma coletânea de autores residentes na cidade, a qual veio a lume em 1962, tenho enfileirado poemas em livros, com o propósito de documentar o trabalho dos nossos poetas. Fascinou-me a tarefa, mau grado o ônus dela decorrente, os desafios que apresenta, e então me propus editar antologias de cenais em que, também, se fosse consignando a presença de quantos se mantivessem fiéis à poesia e à cidade. Uns poucos renunciaram à lira; outros tantos, compulsoriamente ou não, à condição de “brasilienses”, convocados que foram por circunstâncias várias a retornar aos pontos de origem ou a transferir-se para outros rincões do país ou do mundo.

Nesta década em que mais um século e um milênio se encerram, Brasília alcança a maturidade, consolida-se como centro cultural, e entre todos os componentes que se somam para

delineá-la espiritualmente destaca-se a poesia. A poesia que está no bom poema, em cuja busca entre nós se empenha surpreendente número de homens e mulheres. E são tantos que, ao regressar do exterior, onde vivi por alguns anos, e ao retomar o projeto há pouco referido, defrontei-me com o grande - e intransponível - desafio de congregá-los em um só livro.

O organizar antologia é entregar-se a singular aventura, a um só tempo empolgante e temerária. Enriquecemo-nos em sensibilidade e conhecimento nesse mergulho fascinante, nesse doce joeirar. Há, porém, o lado das incompreensões e críticas nem sempre razoáveis. À guisa de prévia defesa, ante o tribunal dos descontentes, aqui vão algumas considerações sobre critérios de avaliação e outros aspectos da questão em tela.

Manuel Bandeira, emérito conhecedor da matéria, já discorreu sobre a impossibilidade de antologias perfeitas. Por uma razão ou por outra, existe sempre o risco de se haver com injustiça na seleção de nomes. Os lapsos são

inevitáveis. O gosto pessoal e a voz das afinidades se levantam. E - o mais determinante dos fatores - nunca há espaço para todos. (*)

A propósito de seu trabalho, ao organizar as entrevistas de que se constituiu o excelente livro *Poets on poetry*, Howard Nemerov, então Consultor de Poesia da Biblioteca do Congresso norte-americano, aludiu à "inevitável e sempre constrangedora tarefa de escolher". E Conrad Aiken, poeta, crítico e romancista, então correspondente americano de "The Atheneum", de Londres, colaborador de "The New Yorker" e de "The London Mercury", também reportou-se a essa problemática em termos de eu subscreveria inteiramente (*in Poesia como criação*, Edições GRD, Rio, 1968, pág. 13). Walmir Ayala, o grande autor e divulgador de poesia que tanta falta nos faz, depois de haver organizado, entre outras, A novíssima poesia brasileira, I e II (editora Cadernos Brasileiros, Rio, 1962 e 1965) e *Poetas novos do Brasil* (INL/MEC, Rio, 1969), diz na introdução a *Poemas de amor* (Ediouro, Rio 1991): "Topei com alguns bloqueios, e peço que não me creditem (*sic* - empanar-se-á neste verbo alguma sutilíssima ironia?) certas ausências, provocadas muitas vezes por falta de entendimento entre antologador e poetas..."

Na triagem dos versos, não me restringi a esta ou aquela escola ou tendência literária. *Poesia de Brasília* acolhe, ao lado de poemas inquestionavelmente modernos, versos bem "tradicionais", considerando tão-somente o nível. Entendo porém, como Johannes Pfeiffer, que "a poesia é a arte que se manifesta pela palavra." (grifo meu), sobretudo pela palavra - devo atenuar, por não ser radical -, estabeleci limites. Alguém os notará. Que todos os compreendam.

O leitor logo constatará que estas páginas não vieram para ser um hino de incondicional apologia à cidade. (O que temos, em alguns casos, são plangentes vozes, de revolta e protesto.) Prevaecem declarações e cantos de amor, e por vezes arrebatados, mas não se perde o senso crítico; não se foge à dura realidade, que freqüentemente precipita os mais frágeis e indefesos rumo ao drama e até mesmo à tragédia. Por que é que se haveria de ocultar as distorções, as tantas violências contra a fisionomia e a alma da cidade concebida para ser única, justa, modelar? A ecoar - intencionalmente, talvez - as "Perguntas de um trabalhador que lê", de Bertold Brecht, Niemeyer, em cujas pranchetas se delineou Brasília, foi dos primeiros a condenar a marginalização do candango. Do operário que um dia eufórico e ufano a edificou e, logo em seguida, enxotado para as mais cruéis periferias, humilhado e perplexo a perdeu para sempre. Os brasilienses conscientes e sensíveis, ainda que em surdina ou silêncio, lamentaram-no sobre as cinzas da utopia. E, com o fluir dos anos, eleva-se - a enfatizar

*Construir pontes
de palavras,
... trilhos de rimas
para levar o trem
da poesia aos
corações das pessoas
sensíveis e líricas.*

esse quadro -, o tom do inconformismo e a dor dos poetas. (A poesia de Brasília, fidelidade, o reflete.) Cumpria registrá-lo para que se lhes faça justiça.

As várias presenças obrigatórias - de excelentes poetas de há muito radicados no Distrito Federal, por exemplo -, e a limitação do número de páginas a que o organizador deveria submeter-se, impossibilitaram a inclusão de autores hoje em outras cidades, que só fariam enriquecer *Poesia de Brasília*. Aproz-me nomeá-los: Abgar Renault, Alphonsus de Guimarães Filho, Altino Caixeta, Afonso Henriques Neto, Ariel Marques, Carlos Luiz Campanella, Eudoro Augusto, Gilberto Mendonça Teles, H. Dobal, Hugo Mund Júnior, Izidoro Soler Guelman, Jair Gramacho, José Soares Jr., Luiz Fernando Nazareth, Márcio Catunda, Marly de Oliveira, Waldemar Lopes, Yone Rodrigues. E, saudoso, rememoro poetas cuja convivência muito nos honrou e que cantaram na cidade (e à cidade), em sua maioria até quando a "Indesejada das gentes" os levou, como



**Daniel
Marques
PP**

Planaltinense que se preza não despreza a cultura. Como se diz no jargão, "está no sangue". Na minha cidade, desde pequeno se acostuma a respirar cultura. As diversas manifestações como a Festa do Divino, a Via Sacra e a Catira estão incorporadas ao dia-a-dia do povo desta cidade centenária e cheia de tradições. Como planaltinense, sei a importância de se preservar e incentivar as atividades culturais. Como Deputado, já iniciei trabalho visando garantir recursos e incentivos ao desenvolvimento da cultura no Distrito Federal.



**Edimar
Pireneus
PP**

Apesar de jovem, Brasília já registra um importante acervo cultural. A cidade-satélite de Brazlândia, por exemplo, é especialmente rica em música, em artesanato e nas artes plásticas. Mas não tem, ainda, um espaço próprio para fazer com que essas manifestações cresçam. Para solucionar essa questão e apoiar o desenvolvimento da cultura do DF, permitindo, ao mesmo tempo, a geração de novas formas de emprego, apresentei projeto de lei que cria a Casa da Cultura de Brazlândia, que deverá funcionar em prédio público já existente na cidade.



Miquéias Paz PC do B



O I Fórum de Música do DF, promovido pelo gabinete do Deputado Miquéias Paz, com apoio logístico do governo, colaboração da iniciativa privada e a adesão de artistas, realizou-se no Espaço 508 Sul, dias 2, 3 e 4 de junho.

O Fórum envolveu shows de que participaram instrumentistas e cantores atuantes no DF, mostra de fotos e debates. Os painéis de debate contemplaram a inserção da produção alternativa no mercado; a ampliação do mercado de trabalho; a divulgação, a distribuição e os shows.

José Edmar Cordeiro PSDB



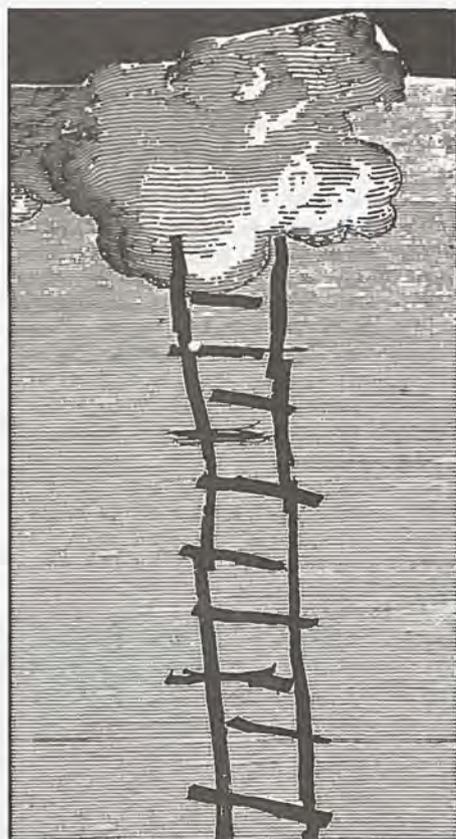
Os estudantes do Distrito Federal, principalmente os alunos carentes, aguardam há mais de dois anos a implementação da Universidade Regional do DF.

As Universidades estaduais se transformaram em referência de ensino de boa qualidade. Os brasilienses, entretanto, são obrigados a deixar seus salários nas escolas particulares. Além de uma necessidade social, a Universidade Regional do DF é a garantia de qualificação da nossa mão-de-obra. Um investimento com retorno garantido.

Anderson de Araújo Horta, Antônio Girão Barroso, Antônio Roberval Miketen, D'Almeida Vitor, Gaudêncio de Carvalho, Geraldo Costa Alves, Gustavo Bandeira de Melo, João Viana de Oliveira, Lupe Cotrim Garaude, Maria Braga Horta, Olímpades Guimarães Corrêa, Pedro Luiz Masi, Ronald Figueiredo, Wolney Milhómem, Yolanda Jordão, Zila Mamede. Que esta antologia, conquanto mais abrangente, acessível também às gerações mais novas, mereça a mesma acolhida dispensada à anterior, de 1982 - **Brasília na poesia brasileira** -, sobre a qual se pronunciaram, com grande simpatia, Nelly Novaes Coelho, João Manuel Simões, Murilo Rubião, Alphonsus Guimarães Filho, José Santiago Naud, Carlos Fernando Matias de Sousa, Artur Benevides, Luiz Otávio Sousa Carmo e outros. (Palavras de Drummond, em carta que me enviou: "Brasília foi um acontecimento de tal maneira relevante na vida brasileira, que deveria suscitar, como suscitou, o interesse e a emoção dos poetas. O livro reúne em boa hora esses versos, e, além do interesse literário, assume caráter histórico.")

Reportando-se aos integrantes da coletânea - Afonso Romano de Sant'Anna, Cassiano Ricardo, Geraldo Pinto Rodrigues, Henriqueta Lisboa, Homero Homem, João Cabral de Melo Neto, Luiz Paiva de Castro, Moacir Félix, Octávio Mora, Vinícius de Moraes, e outros desse quilate, entre os quais os brasilienses -, o escritor Moacir C. Lopes, da editora Cátedra, afirmou: "Poucas cidades do mundo tiveram o privilégio de serem cantadas por tantos e tão importantes poetas." Esta constatação deve ser enfatizada, por tratar-se de fato e por ser cada vez mais verdadeira quando a singular cidade de Juscelino Kubitschek de Oliveira, a "Capital da Esperança", chega aos trinta e cinco anos de existência.

Quanto às epígrafes inscritas nesta introdução - e que, obviamente, expressam o pensamento do antologista -, falem elas por si mesmas. Sobre a esperança que nos moveu em direção ao Oeste, a esta opção bem consciente de suas próprias implicações, de que cuidam muitos dos versos aqui reunidos. Sobre o pragmatismo referido, "dispensado" pelo bri-



O fazer poesia é como construir uma escada para alcançar o infinito e entrar em comunhão com Deus

lhante poeta e mestre mexicano - e por não poucos de nós, em muitos momentos -, em favor da poesia. Sobre o mistério e a magia que nos irmanam, sobranceiramente. Sobre o idealismo a aquecer, sempre, este "mar de almas e peitos" (Castro Alves) - apesar das sombras, a pairar com suas ameaças adubadas no egoísmo dos poderosos que turbam este fim de século. (Apesar de tudo, ainda cantamos!)

O Organizador

OLIVEIRA, JOANYR Ferreira DE - nasceu em Aimorés/MG, a 6 de dezembro de 1933. Diplomado em Direito e em Teologia. Advogado, jornalista, professor (...), funcionário público. Veio para Brasília em 1960. Colab. em periódicos. Detentor de vários prêmios literários, entre os quais (*menção honrosa em*) o Prêmio Alphonsus de Guimaraens (1967), da Academia Mineira de Letras; o (*Troféu Casemiro de Abreu*) no (...) Fernando Chinaglia, I e II (1969 e 1970), (o) da Fundação Cultural do Distrito Federal (1975), o "*Pablo Neruda*", promoção da Embaixada do Chile no Brasil, Da Academia Brasiliense de Letras e da Academia Brasileira de Letras (1991), O "*Moacyr Félix*", do sindicato

dos escritores do Rio de Janeiro (1992) o "*Murilo e Araújo*" (geral) e o "*Darcy Brasil*" (soneto), do III Concurso Nacional de Poesia Atla, Três Corações, MG (1994). Organizou as antologias *Poetas de Brasília*, 1962 (o primeiro livro editado nesta Capital); *Antologia dos poetas de Brasília*, 1971; *Horas vagas*, contos, vol. 2, *Brasília na poesia brasileira*, 1962, e *Poesia de Brasília*, 1995. Fundou e dirigiu (...) revistas (...) Pert. à Associação Nacional de Escritores, (...) à Academia de Letras de Brasília, (...) à Academia Taguatinguense de Letras, ao *Sindicato dos Escritores do DF* e ao *Sindicato dos Jornalistas Profissionais do DF*. Eleito, recentemente, para a *Academia de Letras do Brasil (DF)*.